

En esta invitación a emprender una lectura genuina de la comedia *Filodemo*, se hace hincapié en el despropósito que ha supuesto restar interés durante muchas décadas al testimonio manuscrito facilitado por el *Cancioneiro de Luís Franco Correa*. De esta manera lo declara Perugi: “Un filologo che non abbia sufficiente familiarità con la letteratura portoghese potrà, a buon diritto, meravigliarsi che per quasi un secolo e mezzo (da quando, cioè, Carolina Michaëlis diede notizia, nel 1885, dell’importantissimo ms. siglato LF) un testo di Camões, il poeta nazionale, sia stato letto e diffuso unicamente attraverso la versione a stampa”. Tamaña displicencia se conecta con el otro desatino, ya al principio aludido, que ha consistido en perpetuar el anquilosado criterio de las *Rimas* de Costa Pimpão como palabra casi sagrada, conforme Perugi reitera: “Di fatto lo stesso accade per l’intero ‘corpus’ della lirica camoniana, il cui principale testo di riferimento continua ad essere, nel Portogallo di oggi, l’edizione Costa Pimpão”.

Como conclusión final, hay que agradecer indudablemente la feliz aparición de esta esmerada edición, destinada con seguridad a convertirse en breve en una referencia indispensable en el ámbito de las investigaciones camonianas.

Pombo, Antón. (2018). *Guia do Caminho Português de Santiago* (1ª edição). Santiago de Compostela: Através, 291 pp.

Inês Americano Lopes
Grupo Galabra – UMinho
a.ines.lopes@gmail.com

O *Guia do Caminho Português de Santiago*, editado em junho de 2018, é um guia sobre o Caminho Português Central, o da Costa e o de Braga. Um trabalho recente e pormenorizado de Antón Pombo, numa altura em que estes chamam à atenção das instituições governamentais e dos peregrinos, sendo, de acordo com dados estatísticos da *Oficina del Peregrino*, o segundo caminho mais percorrido, a seguir ao Caminho Francês. Antón P. jornalista, doutorado em história pela Universidade de Santiago de Compostela, é um peregrino, hospitaleiro, investigador e voluntário, conectado há mais de 30 anos com o Caminho. Com um papel ativo na manutenção, estudo e investigação do mesmo, foi um

dos fundadores da Associação Galega dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela (AGACSC), onde exerceu funções como Presidente. Realiza este trabalho totalmente escrito em português, com a editora Através -da área editorial da Asociación Galega da Língua- sendo que em língua espanhola é já um dos autores de guias dos Caminhos de Santiago mais vendidos.

O supracitado, direcionado para peregrinos e *bicigrinos*, reúne informação minuciosa sobre três dos quatro caminhos portugueses do jacobeu, não contemplando o Caminho do Interior. Possui uma extensa introdução, com os prólogos de Alexandre dos Santos e José António de la Riera, que os definem como os caminhos dos trovadores, repletos de poesia e história. Nela apresentam o autor, a história do Caminho em território nacional, o seu estado atual, as etapas e iniciativas realizadas para os reavivar, as suas debilidades, o que falta fazer e os principais intervenientes no processo. De seguida, dividido em três partes distintas, correspondentes a cada caminho, encontra-se subdividido em etapas diárias, com aproximadamente 30 quilómetros de extensão e a sua respetiva cartografia. Em cada uma, consta todo o tipo de contactos, serviços, instituições e associações que possam ser úteis nas zonas atravessadas, como transportes, aplicações, *sites*, informação online, onde comer e ficar, entre outros. Este último, cinge-se à informação sobre albergues (municipais e privados) e as respetivas alternativas, caso estes não existam ou estejam lotados. Ilustrado com um conjunto de 200 fotografias, em toda a sua extensão possui diversas rubricas histórico-culturais, com lendas, estórias, costumes e história; sugestões relativas à preparação, equipamento, alimentação e, ainda, uma “lista negra” de cada troço, na qual elenca uma série de perigos com que o peregrino se pode deparar.

Numa primeira instância, poderia ser descrito como um típico guia, concebido para simplificar a vida do viajante, contudo, o facto do autor abandonar a objetividade e imparcialidade, características neste tipo de textos, fazem dele um guia pouco habitual. Utilizando a sua experiência enquanto peregrino, partilha conselhos, alertas, filosofias e formas de encarar o Caminho, enquanto introduz pensamentos críticos sobre os mesmos em Portugal. Do início ao fim, tece uma autêntica crítica sobre o estado e gestão dos mesmos, apontando o dedo à falta de uma política cultural coesa. Denuncia aquilo que considera irresponsável, que é a intenção de apresentar uma candidatura à UNESCO, quando não existe um trabalho consolidado no terreno, permanecendo uma indefinição, grandes troços alcatroados e uma

enorme disparidade de informação entre associações e regiões. Enquanto afirma que «[...] *bem se vê que os políticos não peregrinam!*» (p. 84), enaltece e dá a conhecer o trabalho associativo, nomeadamente dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela, tanto galegos como portugueses. Alerta para a transformação do mesmo numa atração turística, que considera ser uma completa alienação, mesmo que inserido no âmbito do turismo religioso. Recrimina veemente as viagens organizadas, indica o uso da vieira «*se não queres ser só um turista*» (p. 24) e a realização do percurso com poucas pessoas, apelando à autenticidade e ao valor transformador do Caminho. Uma postura antagónica, tendo em conta que o meio utilizado é, por si só, um dos elementos tradicionais que constituem a esfera do turismo, um guia de viagem.

Um constante defensor da preservação e autenticidade, não é a primeira vez que Pombo se assume contra a *turistificação*, exploração e inserção do Caminho nos mercados turísticos. No ano 2016, em conjunto com a Fraternidade Internacional Del Camino de Santiago (FICS), propõe o aumento para 300 quilómetros no critério da aquisição da Compostela. No mesmo documento elenca, o que consideram ser, uma série de equívocos na gestão do Caminho pelas instituições governamentais, tais como: o Plano Xacobeu, implementado pela Xunta da Galícia, que com uma vertente comercial criou um *brand* turístico-cultural para venda; a instituição do critério/obrigação de 100 quilómetros para obtenção da Compostela, que suprimiu o seu carácter internacional e aglutinador, visto que criou um diâmetro que começa e acaba na província galega, contribuindo dessa forma para a sua massificação; a falta de controlo na rede pública de albergues, onde pernoitam turistas a baixo ou a custo zero, alimentando a ideia que o Caminho é sinónimo de turismo barato; ou a implementação de uma política e gestão que gira em torno dos benefícios e lucros imediatos, sem perspetivas a longo prazo.

Posto isto, sendo o autor consciente dos processos turísticos e sua afetação nos espaços, a produção deste elemento turístico cria uma certa entropia, entre o que é defendido e feito. Para entender esta fricção é necessário ter em mente que um guia é um pequeno utensílio informativo, com imenso e por vezes menosprezado impacto nos espaços retratados. Um autêntico criador de imagens e discursos coletivos, interpretados como verdades únicas, monopoliza e cria comportamentos padrão que se perpetuam ao longo do tempo. Se

transportarmos isto para o trabalho em questão, notando que não está contemplado o Caminho do Interior, podemos concluir que o mesmo contribui para a construção do discurso coletivo de que são apenas três os caminhos portugueses para Santiago de Compostela. Outro aspeto que merece atenção corresponde ao Caminho da Costa, no qual o autor ignora e difere do Projeto de Valorização dos Caminhos de Santiago – Caminho Português da Costa, em marcha desde 2017 e financiado, em parte pelo Norte 2020. Segundo o autor, o percurso tem início na cidade do Porto em direção à vila de Caminha; em contrapartida o projeto intermunicipal difunde e está a criar serviços no trajeto Porto até Valença. Desta forma, o autor contribui e constitui um processo turístico que ele desaprova, como também contribui para a disparidade de informação entre regiões e associações que questiona. Por outro lado, podemos considerar a hipótese desta produção ser uma estratégia, utilizada pelo próprio para difundir a sua opinião e dar a conhecer o estado real dos caminhos portugueses de uma forma direta, rápida e acessível aos peregrinos.

Em suma, este guia é o resultado de um profundo conhecimento sobre o fenómeno Jacobeu. Com uma linguagem corrente e objetiva é de fácil e rápida leitura. Acompanhado por diversas rúbricas histórico-culturais, autênticas visitas guiadas às regiões atravessadas, possui um conjunto de informação indispensável para a boa realização do Caminho. Consideramos que o elemento diferenciador e de mais valia para o leitor é a partilha da experiência pessoal do autor enquanto peregrino. Desta forma, a preocupação e informação não está centralizada apenas na realização do Caminho, mas também no bem-estar a nível físico e psicológico do caminhante. Com isto, estabelece um nível de proximidade com o futuro peregrino e possibilita que este não esteja desprovido em termos de equipamento, nutrição, preparação e planificação do seu percurso. De realçar ainda, a crítica constante relativa à gestão e sistematização dos caminhos portugueses, na qual se tem acesso a um panorama geral do estado atual dos mesmos. Apesar do trabalho coeso, a não inclusão do Caminho Português do Interior é uma grande fragilidade neste guia, criando inclusive uma certa dicotomia naquilo que o próprio propõe. Mesmo assim, e considerando as fragilidades suprarreferidas, este guia é de grande ajuda e utilidade para quem se quer aventurar nos caminhos Jacobeus e um enorme contributo para os que querem obter informação sobre o estado atual dos mesmos em Portugal.

Antonio Sáez Delgado y Santiago Pérez Isasi, *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*, Granada, Editorial Comares, 2018, 178 pp.

Adriana Martins Frias
Universidade de Évora
amfrias@uevora.pt

El tópico recurrente que presenta a España y a Portugal como dos países que se dan la espalda queda desmontado en *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*, volumen escrito en conjunto por Antonio Sáez Delgado y Santiago Pérez Isasi. Sáez Delgado, profesor de Literaturas Ibéricas Comparadas, de Literatura Española y de Traducción Literaria de la Universidade de Évora, así como investigador del Centro de Estudos Comparatistas de la Universidade de Lisboa, y Pérez Isasi, investigador de la FCT asociado también al Centro de Estudos Comparatistas, son especialistas en el estudio de las relaciones literarias ibéricas, tal y como demuestran los artículos y monografías que han dedicado por separado a este asunto. Tomando como punto de partida el interés de ambos por el área de los Estudios Ibéricos, se reúnen para plasmar en este libro una interesante y articulada red de interrelaciones literarias y culturales que revela un diálogo fructífero entre diferentes puntos geográficos de la Península Ibérica.

La perspectiva de los Estudios Ibéricos adoptada aquí es de gran pertinencia pues, tal y como señalan los autores, aporta una visión «policéntrica», «rizomática» o «prismática» que no solamente atiende a las relaciones surgidas entre Portugal y la España central sino que también incluye dentro del diálogo a Cataluña, Galicia y el País Vasco. Así, se reconfigura el espacio ibérico rompiendo los límites y la rigidez de una perspectiva meramente nacional y basada en la homogeneidad lingüística. De esta forma, bajo el prisma ibérico se colocan en primer plano tendencias literarias o autores que adquieren un protagonismo del que carecían desde el punto de vista nacional. Igualmente, se observan casos particulares de figuras relevantes en las literaturas nacionales o de grupos literarios con una actividad ingente dentro del ámbito nacional que, sin embargo, no ocupan un puesto tan importante dentro del